

## A LÍNGUA DE SINAIS NA RECONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS SURDAS

Sanatiana Gomes Alencar (UEMA)  
*sanatianaalencar@gmail.com*

Natália de Almeida Simeão (UFPI)  
*nataliasimeao@ufpi.edu.br*

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar as contribuições da recontação de histórias produzidas em língua de sinais (L1) para o desenvolvimento linguístico das crianças surdas, bem como para a evolução da sua escrita em língua portuguesa (L2), a fim de identificar o que esta produz para o seu aperfeiçoamento comunicativo, e de que forma isto contribui para a sua escrita em L2. O interesse pelo tema partiu mediante as experiências vivenciadas em sala de aula com crianças surdas que estudam no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS-PI). Percebemos nas produções sinalizadas e escritas que existia uma evolução em relação ao desenvolvimento corporal, social e comunicativo da língua de sinais, uma vez que as crianças se sentiam mais seguras e motivadas a sinalizar e escrever aquilo que elas produziram com a recontação. Os sujeitos escolhidos para a pesquisa foram 3 (três) crianças surdas, com idade entre 8 a 11 anos. O desenvolvimento metodológico se deu através da abordagem qualitativa, sendo a coleta dos dados por meio de uma roda de conversas e também através da apresentação de algumas histórias em língua de sinais que foram recontadas pelas crianças. Ao final das recontações foi escolhida uma história para ser analisada, sendo selecionada a história da Páscoa. Para a referida análise utilizamos imagens, textos, vídeos que foram sinalizados e escritos pelas crianças. Para alcançar os resultados propostos pela pesquisa, nos apoiamos em alguns autores, dentre eles podemos citar: Quadros (1997); Goldfeld (2002); Weil e Tompakow (2015); Strobel (2016), entre outros. Concluímos que esse estudo foi de grande relevância, pois interessava saber de que modo a recontação pode ser uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento corporal, social e comunicativo favorecendo às crianças surdas potencialidades linguísticas e de escrita na L2.

**Palavras-chave:** Língua. Corpo. Recontação de história. Crianças surdas.

### 1 INTRODUÇÃO

Todo corpo é capaz de se comunicar, independente de como ele seja formado biologicamente. Nas crianças surdas, por exemplo, observa-se que seus corpos têm um potencial comunicativo e muito singular, pois estes se comunicam

através de sinalizações. A língua do corpo, nessas crianças, se faz essencial para o desenvolvimento cognitivo e intelectual destas, já que é através dela que se transmite a comunicação.

Ao recontar histórias e sinalizá-las, as pessoas surdas utilizam seus corpos e desenvolvem habilidades fundamentais para se comunicar e interagir com seus pares, seja na escola ou no meio social. Essa forma de se expressar, por sua vez, é cheia de sentido e emoção, ou seja, o corpo também é capaz de produzir mensagens significativas. Assim, pesquisar as sinalizações e produções de crianças surdas, mais precisamente em língua de sinais (L1), é de grande valia para a compreensão de estudos sobre a linguagem do corpo, pois a partir desse aprendizado elas terão mais acesso aos meios de interação e de vivências sociais para que se sintam valorizadas e respeitadas.

Pensando nessas questões, o interesse pela pesquisa surgiu mediante as experiências vivenciadas em sala de aula com crianças surdas no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS-PI), pois percebemos nas produções sinalizadas e escritas que existia logicidade na recontação das histórias em L1 elaboradas por elas, uma vez que essas crianças, ao sinalizarem tais histórias, faziam de forma organizada, embora involuntariamente, o que, em nós, despertou curiosidade de entender a autonomia da sua língua nativa e de que forma ocorre o desenvolvimento cognitivos delas.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar as contribuições da recontação de histórias produzidas em L1 para o desenvolvimento linguístico das crianças surdas, bem como para a evolução da sua escrita em língua portuguesa (L2), a fim de identificar o que esta produz para o seu aperfeiçoamento comunicativo, e de que forma isto contribui para a sua escrita. E como problemática foi pensado o seguinte questionamento: quais as contribuições da recontação de histórias produzidas em L1 para o desenvolvimento linguístico das crianças surdas, bem como para a evolução da sua escrita em L2?

Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho foi estruturado em três partes. Na primeira, realizou-se uma contextualização sobre o processo de aquisição da linguagem da criança surda. No segundo ponto apresentamos os procedimentos metodológicos constituídos por meio de uma pesquisa com abordagem qualitativa

realizada no CAS-PI, em Teresina. A terceira parte mostra as análises dos resultados da pesquisa com o objetivo de visualizar, na prática, a temática em questão.

Desse modo, a relevância da presente pesquisa consiste em ampliar as discussões sobre as contribuições que a recontação de histórias em língua de sinais apresenta para o desenvolvimento linguístico em L1 e também para a sua evolução na escrita em L2, bem como estimular a produção de trabalhos que discutam essa temática pertitando um olhar mais crítico acerca da língua do corpo voltada para crianças surdas.

## **2 AS CRIANÇAS SURDAS E A LÍNGUA DO CORPO: QUE HISTÓRIA TEMOS PARA CONTAR?**

Podemos dizer que a história da língua de sinais se mistura com a história dos surdos no Brasil. Por volta do século XV, os surdos eram considerados seres incapazes de estudar, ter uma vida social e compartilhar experiências de vida, sendo assim isolados de todos os meios de comunicação. Nesse contexto, Goldfeld explica que

A ideia que a sociedade fazia sobre os surdos, no decorrer da história, geralmente apresentava apenas aspectos negativos. Na antiguidade, os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeixadas e por isso eram abandonadas ou sacrificadas. (GOLDFELD, 2002, p.27).

No Brasil, esse pensamento começou a ser desmistificado em meados do século XIX, momento em que se deu início à luta pela educação dos surdos, a qual teve como marco a participação do professor surdo Eduard Huet, que veio ao Brasil a convite de D Pedro II para ensinar e criar uma escola para surdos. Na época, a escola era conhecida como Instituto de Surdos e Mudos, a qual, atualmente, é conhecida como INES- Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Com o passar do tempo, os movimentos surdos foram ganhando força e uma crescente busca pela legitimidade da língua de sinais foi se ampliando e hoje esta língua já foi oficializada no Brasil, através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, que

dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e a reconhece como língua oficial no país. Assim, ganha-se sentido afirmar que, ao ser reconhecida enquanto língua, a LIBRAS deve ser apresentada às crianças surdas desde os seu primeiro anos, pois é inegável que a linguagem corporal já lhes é nata e por isso precisa ser incentivada na sua comunicação e fazer parte do seu convívio social.

Em vista das questões anteriormente levantadas, não podemos deixar de mencionar que uma comunicação que respeite a língua corporal pelas crianças surdas contribui sobremaneira para o seu desenvolvimento social e linguístico, pois quando estas crianças se comunicam, através sua própria língua, podemos perceber como seu corpo se expressa espontaneamente. Para Weil e Tompakow (2015, p. 93), “ A vida é um fluxo constante de energia e a linguagem do corpo é a linguagem da vida; logo temos que conhecer a energia em nós.” É preciso reconhecer a particularidade do corpo, comovê-lo, vivenciá-lo e compreender os pontos físicos e psíquicos e suas relações com o mundo que nos rodeia. Ainda conforme os autores,

Pela linguagem do corpo , você diz muitas coisas ao outro. E eles têm muitas coisas a dizer para você, também nosso corpo é antes de tudo um centro de informações para nós mesmos, é uma linguagem que não mente, cuja estrutura é demonstrada, pois todo ser humano tem que lidar consigo mesmo e com os outros. (WEIL; TOMPAKOW, 2015, p.7).

Desse modo, podemos afirmar que, nessa língua corporal existe uma faculdade comunicativa bem particular, que na maioria das vezes é negada ou reprimida socialmente. Os ouvintes, por exemplo, questionam sobre o porquê das pessoas surdas movimentarem o corpo e fazerem tantas expressões ou o que, realmente, os surdos conversam nos lugares onde eles se reúnem. Ao refletir sobre essas questões, Davis (1979, p. 83) assinala que,

Cada indivíduo tem seu próprio estilo gestual e, em parte, esse estilo reflete sua cultura, os gestos servem quase sempre como indicadores de origens étnicas, pois cada cultura produz seu próprio estilo característico de movimento corporal e esse estilo, a rigor, persiste muito mais do que um dialeto ou um sotaque estrangeiro.

Importa, então, realçar que o processo de desenvolvimento da linguagem que ocorre em crianças ouvintes é o mesmo que acontece nas crianças surdas, uma vez que ambas passam por estágios de desenvolvimento semelhantes e evoluem a

comunicação e interação entre seus pares também da mesma forma. De acordo com Molcho (2007), podemos dizer que a linguagem corporal incide na interação por meio da comunicação que facilita a verificação das reações dos indivíduos e seus sentimentos, principalmente nas línguas de sinais.

Um outro aspecto que nos interessa é compreender que em qualquer língua sempre existe uma distância entre a língua falada e a escrita, o que não é diferente nas línguas de sinais, pois quando nos reportamos ao surdo, percebemos na sua sinalização uma forma natural, que não é especificamente o português sinalizado<sup>1</sup>, mas sim uma língua que tem uma gramática e estrutura própria.

Dessa forma, podemos considerar, como L1, a primeira língua dos surdos e, como L2, a segunda língua e que ambas andam juntas. Sendo assim, para que a criança assimile as práticas de leitura e escrita é necessário que aprenda primeiro sua língua, para que possa se desenvolver, e que a família ajude nesse processo de leitura e escrita. Assim, Botelho assevera que

A inserção em práticas de leitura e escrita também é dependente das representações dos surdos e de suas famílias sobre o significado de ler, escrever, estar na escola e ter progressão escolar, e das representações sobre a surdez e a linguagem, e da existência de uma língua compartilhada que permita comunicar sobre as vantagens e o prazer que podem decorrer das atividades de ler e escrever. (BOTELHO, 2016, p.65)

Muitas crianças surdas, quando são bem assistidas pelo grupo escolar, familiar e social, desenvolvem práticas de leituras e escrita, e seu resultado é bem significativo. Porém, as crianças surdas que não estão inseridas nessas práticas de leitura têm prejuízo nesse processo de aprendizagem, dificultando até mesmo a fluência de sua língua materna de forma dinâmica. Como aponta Gesueli (2003, p.149) quando ressalta que

A escrita exige uma dupla abstração por parte da criança: primeiro em relação aos possíveis vínculos com oralidade, e segundo em relação ao interlocutor (desconhecido ou imaginário). Daí a complexidade do processo que exige da criança certa reflexão sobre o conhecimento a ser construído.

---

<sup>1</sup> Conforme Fitzgerald e Perdoncini (2006, p.23) português sinalizado é um sistema artificial adotado por escolas especiais para surdos. Tal sistema toma sinais da língua de sinais e joga-os na estrutura do português.

A escrita é um processo de longo prazo que se constrói no decorrer da vida e não como uma receita pronta. Nos primeiros anos iniciais da escola, a escrita deve ter um sentido para a criança, pois ela precisa saber para que serve a escrita e qual sua finalidade.

No que se refere à linguagem corporal, importa destacar que esta é um ponto de partida para desenvolver as potencialidades criativas, expressar sentimentos e afetividades. Para Arribas (2004, p.35-36), “o corpo é um instrumento que lhe permite realizar os processos básicos de adaptação, é o meio exterior e é o canal de comunicação com os demais seres humanos.” Portanto, a linguagem corporal se configura como importante mecanismo de comunicação social.

### 3 CAMINHOS DA PESQUISA

No decorrer da pesquisa, faz-se necessário que o pesquisador selecione caminhos adequados para chegar aos objetivos propostos pela investigação, é o que podemos definir de metodologia. De acordo com Freitas e Prodanov (2013) os procedimentos metodológicos dependentem de um conjunto de técnicas para que seus objetivos sejam alcançados. Sendo assim, o trabalho em questão trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Segundo os autores, essa pesquisa é

[...] utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese que queiramos comprovar, ou, ainda descobrir novos fenômenos ou a relação entre ele. (FREITAS; PRODANOV, 2013, p.59).

Portanto, é na pesquisa de campo que podemos observar os fenômenos que acontecem, e que coletamos dados e informações diretamente da realidade dos sujeitos que estudamos. Ela também define objetivos e hipóteses do que está sendo pesquisado. Ainda para Freitas e Prodanov (2013, p.59), a respeito da pesquisa qualitativa, é possível dizer que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Ainda a respeito da coleta de dados, faz-se importante ressaltar que o primeiro passo foi fazer a identificação da instituição onde havia crianças surdas matriculadas.

O local escolhido para a pesquisa foi o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS-PI), situado na Avenida São Raimundo s/n, bairro Piçarra, na cidade de Teresina-PI.

O Centro foi escolhido por ser referência em atendimento às pessoas com surdez e um dos seus objetivos é desenvolver ações que favoreçam inclusão educacional e social da pessoas com surdez ou deficiência auditiva no Estado do Piauí, apoiar alunos surdos, professores e comunidade por meio de acervo de material e equipamentos específicos necessários ao processo de ensino-aprendizagem.

O CAS-PI atende crianças surdas a partir de 7 anos de idade e uma das atividades desenvolvidas neste local é trabalhar datas comemorativas para que as crianças surdas reconheçam sua importância e seus significados, pois a maioria não sabe a relevância que essas datas têm para a nossa cultura, em especial à sua própria identidade. Assim, a pesquisa propôs abordar a recontação da história da “Páscoa”, escolhida por se tratar de um tema atrativo para as crianças e significativo pelo momento de reflexão que a data traz.

Após a definição do local, o segundo passo foi selecionar os sujeitos da pesquisa que foram três crianças surdas com idade entre 8 a 11 anos de idade. Estas encontravam-se em processo de aquisição da sua língua. Ressaltamos que convidamos para este momento uma instrutora surda que nos auxiliou no desenvolvimento das atividades da pesquisa, visto que o nativo da língua de sinais tem mais propriedade a respeito do que estaria sendo sinalizado.

A coleta de informações foi organizada por meio de uma roda de conversa onde foram apresentadas algumas histórias infantis às crianças. No primeiro momento, as histórias foram contadas por uma instrutora surda e em seguida recontadas pela crianças nas formas sinalizada e escrita. A análise das histórias recontadas pelos sujeitos da pesquisa será apresentada na sequência.

#### 4 RESULTADOS E ANÁLISES

No que diz respeito aos resultados e análises das informações, faz-se necessário salientar que a identidade das crianças foi preservada, bem como suas imagens. Assim, escolhemos o pseudônimo Coelho 1, 2 e 3 para substituir seus nomes. Essa escolha se deu pelo fato desse animal ser um dos personagens que simbolizam as festas da Páscoa.

Após a história da Páscoa ter sido contada em L1 e por meio de recursos didáticos, como imagens e livros, os alunos foram provocados a recontá-la com o objetivo de analisar a linguagem utilizada pelos coelhos para reproduzir a mesma história. Os resultados da recontação elaborada por eles apresentamos a seguir.

A partir da recontação foi possível perceber que o Coelho 1 apresentou uma linguagem desenvolvida, uma vez que a estrutura linguística feita durante a sinalização ocorre de forma natural. É possível perceber a importância que esta sinalização terá para que ele entenda melhor sua própria cultura e identidade, pois “o essencial é entendermos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que tem em comum seus conjuntos de normas, valores e comportamentos”. (STROBEL, 2016, p.30).

O Coelho 2, além da surdez, tem Paralisia Cerebral (PC). Essa limitação o impede, em parte, que consiga fazer expressões como as crianças surdas que não têm PC. Porém, percebemos que este corpo é potente e fala a seu modo, trazendo singularidade, força e determinação quando reconta histórias ou se comunica em L1. Podemos perceber que a sua aprendizagem é um processo que requer tempo específico, pois a paralisia afeta os movimentos do corpo, coordenação muscular e o atraso de aprendizagem. Com muito esforço o Coelho 2 procura sinalizar a história de forma ativa. Ao tratar sobre o atraso de linguagem, Goldfeld explica que:

[...] o atraso de linguagem, obviamente, causa atraso na aprendizagem e consequentemente no desenvolvimento, já que é a aprendizagem que o impulsiona. Mais uma vez, então, entendemos o problema do surdo que sofre atraso de linguagem, ele não tem acesso ao conceito científico, sua aprendizagem é difícil e seu desenvolvimento segue caminhos diferentes dos das crianças que passam por um processo de aprendizagem formal, escolar, sem dificuldade linguística (GOLDFELD, 2002, p.74).

A questão do atraso de linguagem e aprendizagem no surdo é bastante complexa. A família, quando não estimula, contribui para o retrocesso na sua aquisição e pula as etapas desse processo que muitas vezes provoca danos em seu desenvolvimento. Não é o caso do Coelho 2, cuja família está sempre presente em sua vida, apoiando e procurando aprender a língua de sinais para que ocorra comunicação e o seu desenvolvimento evolua de forma dinâmica. Ele demonstrou empolgação, mesmo com sua limitação.

A análise dos resultados do Coelho 3, teve como objetivo identificar o potencial da linguagem do corpo ao recontar as histórias sinalizadas de forma que perceba a sua potencialidade. Trata-se de uma criança esperta, assim como os outros coelhos, pois tem potencial expressivo. Importante pontuar que ele está em processo de aquisição da linguagem, ou seja, na sua Língua materna. Pois a linguagem da criança surda é a primeira forma de socialização. Sua maneira de sinalizar apresentou aspectos diferente dos outros dois coelhos, isso significa que cada um tem seu jeito próprio de se expressar. Embora se tratando da mesma língua, essas diferenças fazem parte das particularidades da linguagem na recontação de história.

Para o Coelho 3 recontar a história sinalizada pareceu divertido. Sua sinalização demonstrou o quanto esse processo é fundamental e dinâmico para sua compreensão, pois o corpo cria e recria seus sinais e são eles que possibilitam a construção e a expressão do pensamento.

No segundo momento foi realizada uma produção escrita para analisarmos como a história da Páscoa foi recontada em sua segunda língua. Nessa atividade foi realizada uma apresentação da história em questão e, em seguida, os coelhos as recontaram de forma escrita em L2. Os resultados da análise dessa atividade são apresentados a partir de agora.

O Coelho 1 escreveu o vocabulário da história apresentada em sala de aula. As palavras escritas demonstraram o domínio compreendido no decorrer da aula na qual a recontação de história sinalizada foi abordada. Isso mostra uma evolução significativa, pois trabalhar juntos L1 e L2 é fundamental para seu desenvolvimento linguístico. A língua escrita é um recurso que busca entender como se consegue interpretar o ambiente que o envolve. Para tanto, é também um canal aberto de

compreender por meio da prática da leitura. No que se refere à relevância da aquisição da escrita nos anos iniciais de escolarização, Vygotsky afirma que

[...] a experiência mundial demonstrou que a aprendizagem da escrita é uma das matérias mais importantes da aprendizagem escolar em pleno início da escola, que ela desencadeia para a vida o desenvolvimento de todas as funções que ainda não amadureceram na criança. (VYGOTSKY, 2001, p. 332).

Podemos dizer que o processo da escrita para as crianças surdas tem um verdadeiro significado. É nesse sentido que entendemos que as palavras ou textos escritos pelo surdos é uma forma de verificar sua aprendizagem em língua portuguesa. A recontação de história ajuda o desenvolvimento da escrita, sendo fundamental para o processo de aprendizagem, visto que favorece a formação intelectual, cognitiva e cultural do sujeito surdo. Assim, destaca Quadros :

Quanto ao ensino da língua portuguesa , a proposta bilíngue para surdos concebe o seu desenvolvimento baseado em técnicas de ensino de segunda língua. Tais técnicas partem das habilidades interativas e cognitivas já adquiridas pelas crianças surdas diante das suas experiências naturais com a LIBRAS. (QUADROS 1997, p. 29).

É fundamental perceber que, após a recontação escrita em L2, notamos a evolução das estruturas linguísticas, assim como também o desenvolvimento cognitivo e abriu mais possibilidades intelectuais para essas crianças surdas ampliando pensamentos inovadores, além de propor um acesso de uma melhor comunicação.

O Coelho 2 desenvolveu a atividade escrita de maneira proveitosa. Mesmo diante de todas as limitações motoras que tem, ele conseguiu realizar a atividade. Podemos afirmar que, mesmo que a criança surda sinta dificuldades em relação a L2, ela é capaz de manifestar suas opiniões por meio da escrita, pois para isso existe um trabalho essencial que é necessário ser feito com antecedência, como a estimulação da linguagem, e o estudo da L1, os quais devem acontecer ainda na infância.

A atividade em L2 escrita pelo Coelho 3 foi significativa, uma vez que se nota que ele tem noção dos vocabulários relacionados à história recontada em sala de

aula. Observamos, ainda, que sua escrita é em caixa alta, o que é comum nessa fase, pois esse tipo de letra facilita o entendimento, posto que seus símbolos gráficos são completamente separados.

Portanto, é necessário que, durante o processo de alfabetização, mesmo que se torne mais demorado será mais consistente apresentar as letras em caixa alta e, posteriormente, a cursiva, começando a mostrar para eles a diferença entre essas letras. Isso pode ser um processo lento, mas é necessário que a criança tenha em mente essas diferenças de letras em sua escrita.

## 5 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A realidade da educação de crianças surdas ainda é algo a ser discutido, principalmente no que tange à sua forma de comunicação, que se dá de maneira corporal. É inegável a importância da utilização de metodologias adequadas em sala de aula que beneficiem as crianças surdas no ensino em L1, assim como em L2. Diante dos objetivos estabelecidos para esta pesquisa que foi analisar as contribuições da recontação de histórias produzidas em L1 para o desenvolvimento linguístico das crianças surdas, bem como para a evolução da sua escrita em L2 e sua importância no desenvolvimento social e linguístico do ensino-aprendizagem nas produções, percebemos uma evolução na forma de sinalizar e escrever, após a recontação, pois notamos um avanço nas três crianças, e mesmo com suas limitações, foi possível ver esse processo de desenvolvimento.

Verificamos que o estudo deve ter continuidade no sentido de contribuir para discussões e reflexões acerca da temática, assim como também podemos perceber que o processo de aprendizagem, tanto em L1 como L2, ocorre no tempo de cada um. Assim, a relevância da pesquisa consiste em apresentar, de forma prática, como se processa o desenvolvimento de linguagem e aquisição de L1 e L2 pelas crianças no início de sua escolarização.

## REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Teresa Lleixà. **Educação infantil**. Desenvolvimento, currículo e organização escolar. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**: ideologias e práticas pedagógicas. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

BRASIL, **Lei nº10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS :Brasília: DF.2002.

DAVIS, Flora. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

GESUELI, Zilda Maria. Língua de sinais e aquisição da escrita. In: SILVA, Ivan Rodrigues; *et al.* (org.). **Cidadania, surdez e linguagem**: desafio e realidade. São Paulo, Plexus Editora, 2003, p. 147-159.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista. 7. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

MOLCHO, Samy. **A linguagem corporal da criança**: entenda o que ela quer dizer com os gestos, as atitudes e os sinais. Tradução Claudia Abeling. – São Paulo: editora Gente, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semióvich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEIL, Pierre & TOMAKOW, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal.74ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.